

Síntese da trajetória das idéias e preocupações do Clube de Roma e as idéias da Fundação Bariloche*

Edmon Nimer

Embora a problemática que deu origem ao Clube de Roma — as questões decorrentes das crescentes pressões demográfico-tecnológicas sobre o delicado equilíbrio do ecossistema do planeta e sobre os recursos não-renováveis, bem como as que, em parte condicionadas por tais pressões, resultam das profundas desigualdades que separam as sociedades desenvolvidas das subdesenvolvidas e nestas, as minorias influentes das grandes massas de miseráveis — continuasse no cen-

tro de suas preocupações é possível reconhecer duas fases distintas de indagações: a ecológica e a social.

1 — FASE ECOLÓGICA

Esta fase pode ser dividida em duas etapas. A primeira, situada de 1968 (ano da constituição do Clube) a 1971 (ano de publicação do livro *Limits to Growth*). A segunda etapa compreende princi-

* A elaboração desta síntese está baseada nos principais informes transformados em livros, do Clube de Roma, bem como, no artigo de Hélio Jaguaribe "O Clube de Roma e sua Problemática", publicado pelo *Jornal do Brasil* em julho de 1979.

palmente os anos de 72 e 73, e suas idéias estão impressas no livro *Momento de Decisão*.

Nesta fase o equilíbrio ecológico e o esgotamento dos recursos não-renováveis estão no centro daquela problemática. Para esta fase do Clube de Roma, foi decisivo o encontro com a metodologia de *Systems Dynamics* recém elaborada pelo professor Jay Forrester e sua equipe do MIT. Após ter sido aperfeiçoada por um de seus discípulos, o professor Denis Meadows, esta metodologia permitiu a elaboração de modelos matemáticos computadorizáveis, representando, a longo prazo, a interação de complexas variáveis mundiais. O emprego desta metodologia permitiu a Meadows e sua equipe a preparação para o Clube de Roma do informe denominado *Limits to Growth* que, após submetido a discussão do Clube em 1971, foi publicado na forma de livro. Este trabalho, em síntese, mostra que as taxas atuais de crescimento econômico e demográfico do mundo produzirão, a longo prazo, inevitáveis efeitos catastróficos em meados do próximo século. Em função de certas alternativas, o mundo deverá se defrontar, ou com um envenenamento geral da atmosfera e das águas pela poluição, ou com a escassez de alimentos, pelo ilimitado crescimento demográfico impossível de ser acompanhado pela produção agrícola, ou com um colapso industrial, pela crescente escassez de recursos não-renováveis. Para evitar essas tendências (não se falando dos riscos de conflitos nucleares) Meadows recomenda a pronta adoção de uma política mundial de contenção do crescimento visando a um estado de equilíbrio (crescimento zero) que em seu tempo, ele acredita em certo equilíbrio estável entre a população mundial e suas demandas agroindustriais e a ca-

pacidade de sustentação do planeta.

Os debates suscitados pelo impacto do informe *Limits to Growth* levaram o Clube de Roma a um esforço no sentido de refinar as hipóteses do Modelo de Meadows. Os professores Mihajlo Mesarovic, diretor do *Systems Research Center da Case Western University*, de Ohio e Eduard Pestel, da Universidade de Hannover, prepararam um segundo informe para o Clube sob a denominação de *Momento de Decisão*, que, após submetido a apreciação em 1973, foi publicado sob forma de livro, em vários idiomas.

O modelo desse segundo informe tem duas características principais. Metodologicamente, baseia-se em uma elaboração matemática mais sofisticada que a anterior, que assegura a intervenção de um operador que deve propor cenários alternativos. Isto permite ao modelo, respostas ajustadas às novas condições propostas, tornando-o um instrumento para simulação de estratégias. Outra característica proeminente se refere às variáveis mundiais: o novo modelo subdividiu o mundo em dez regiões em vez de tratá-lo quase unitariamente como o anterior. As regiões são as seguintes:

- 1 — América do Norte;
- 2 — Europa Ocidental;
- 3 — Japão;
- 4 — Austrália, África do Sul e o resto do mundo desenvolvido que utiliza a economia no mercado;
- 5 — Europa Oriental, inclusive URSS;
- 6 — América Latina;
- 7 — Norte da África e Oriente Médio;
- 8 — África Tropical;
- 9 — Sul e Sudeste da Ásia;
- 10 — China.

Isto permite observar os distintos efeitos regionais de um mesmo fator (poluição e recursos naturais), ou de uma mesma relação (população-alimentos). Os resultados desse modelo, entretanto, não divergiram substancialmente dos encontrados por Meadows, mas evidenciaram que crises mais prováveis tenderão a se localizar em diferentes regiões. As da fome, por exemplo, tenderão a se localizar na Ásia.

Os críticos de Meadows retornaram. Agora suas críticas são dirigidas a Mesarovic-Pestel e retomam, de certo modo, a velha controvérsia de Marx contra Malthus. Tais críticas podem ser assim sintetizadas: o problema não consiste em limites físicos para a humanidade. A poluição é controlável por apropriadas filtragens. Os recursos não-renováveis serão reciclados ou substituídos por novas tecnologias. A oferta potencial de alimentos do planeta é incomparavelmente superior à atual e poderia, segundo alguns, sustentar populações de até 30 bilhões. O que estrangula a humanidade são os artificiais limites sócio-econômicos que produzem e perpetuam os desequilíbrios e contradições entre ricos e pobres, entre desenvolvidos e subdesenvolvidos. Tais obstáculos podem ser superados mediante regimes menos injustos e mais equitativos, tanto em nível nacional como internacional.

2 — O INFORME DA FUNDAÇÃO BARILOCHE

De certa forma esta foi a linha de idéias que conduziu a Fundação Bariloche, da Argentina, sob a direção de Amilcar Herrera e Hugo Scolnik, na preparação de um modelo mundial alternativo, publi-

cado sob a forma de livro (*Catastrophe or New Society*, IDRC-064e, Ottawa, 1976) e conhecido como o Modelo Latino-Americano. Esse grupo elaborou um novo modelo matemático, incorporando princípios de otimização, que permitem determinar as condições requeridas para que um desejado estado de coisas possa ser atingido. O modelo Bariloche, não compreende preocupações sobre o que acontecerá se determinadas tendências forem prolongadamente mantidas. Ele visa a definir as situações necessárias, para permitir que todos os homens tenham acesso a um razoável nível de vida, em condições de liberdade e igualdade. Demonstrou que, se for estabelecida uma distribuição equitativa do acesso aos bens e serviços fundamentais, todas as regiões do mundo poderão satisfazer as necessidades básicas da totalidade de suas populações, dentro de prazos que variam de apenas cinco anos, para os países desenvolvidos, a cerca de 20 anos para a América Latina, e a cerca de 30 anos para a África. Para a Ásia, em virtude da insuficiência regional de produção de alimentos, as soluções podem ser alcançadas em princípios do próximo século, mediante importações complementares. Entretanto, concluiu ainda que, permanecendo as atuais tendências ao agravamento da concentração de bens em alguns poucos países e setores super-ricos, o quadro mundial tornar-se-á insolúvel. A América Latina, por exemplo, teria que multiplicar por um coeficiente de 500% o crescimento de seu produto bruto até fins do século, para que, dentro do atual regime de repartição de renda, as grandes massas pudessem ter assegurado o atendimento de suas necessidades mínimas.

3 — FASE ATUAL DO CLUBE DE ROMA

Os debates sobre o problema das desigualdades básicas separando as nações desenvolvidas das subdesenvolvidas, e as minorias super-ricas das grandes massas vivendo em nível de subsistência, chamaram a atenção do Clube de Roma para a relevância da dimensão social de sua problemática. Já em 1973, o Clube de Roma se definiu publicamente como dissociado do preceito de universal "crescimento zero", reconhecendo como, aliás, o fizeram Mesarovic e Pestel em seu informe, a necessidade de estabelecer taxas diferenciais de crescimento econômico para desenvolvidos e subdesenvolvidos, de sorte a se reduzir o intervalo entre os dois grupos. Dando um passo a frente o Clube solicitou ao economista holandês, Van Tinbergen, prêmio Nobel, que preparasse um estudo sobre o problema dos desequilíbrios entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos.

Mobilizando uma brilhante equipe de estudiosos e especialistas dos dois grupos de nações, o professor Tinbergen submeteu em 1976 à discussão do Clube, seu informe denominado *Reshaping the International Order* — tradução brasileira: para uma Nova Ordem Mundial. Esse informe tem sido considerado o mais amplo e sério esforço de identificação dos desequilíbrios entre o Norte e o Sul, de análise de seus principais fatores e de determinação dos requisitos necessários para reduzi-los a limites toleráveis.

Tinbergen demonstra que a relação média de renda entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, é de 13/1. A adoção de medidas que ele considera apropriadas e realistas poderá reduzir esse desequilíbrio, em quatro décadas, para um máximo de 13/2 (equivalente

a 6/1). Se esse esforço for sustentado em uma taxa de crescimento de 5% *per capita* (1,7% para os desenvolvidos) acompanhada de um crescimento demográfico de 0,1% inferior a previsão das Nações Unidas e de um crescimento da oferta de alimentos de 3,1% ao ano (contra os 2,7% correntes), a diferença entre desenvolvidos e subdesenvolvidos poderia ser reduzida, em quatro décadas, para 13/4, ou seja, cerca de 3/1. Essa é a atual diferença de nível entre as regiões ricas e pobres do Mercado Comum Europeu.

Para lograr as metas mínimas aceitáveis para uma sociedade mundial mais equitativa, Tinbergen propõe um conjunto de medidas que configura a Nova Ordem Internacional (NOEI). As referidas taxas de crescimento (econômico e demográfico), devem se apoiar em novas facilidades para o comércio de matérias-primas, em maciças transferências de capital e de tecnologia, em maior produtividade agrícola e em várias medidas de caráter assistencial. Dentre as condições requeridas para instaurar a NOEI, Tinbergen destaca a necessidade de se ampliar significativamente o número e o papel das agências internacionais (em parte substitutivas e em parte controladoras das empresas multinacionais) e o imperativo de se criar o equivalente a um imposto de renda internacional, através do qual se efetuariam transferências líquidas para o Terceiro Mundo.

4 — RELAÇÃO DO HOMEM COM A SOCIEDADE

As discussões que se seguem ao informe de Tinbergen abrem uma terceira etapa na trajetória do Clube de Roma, voltada para a relação do homem com a sociedade e para questão dos recursos inter-

nos do ser humano. Esta é a visão de Hélio Jaguaribe, membro do Clube de Roma, professor de Ciência Política e diretor de Assuntos Internacionais do Conjunto Universitário Cândido Mendes. O informe de Ervin Laslo, denominado *Goals to Mankind* levanta as seguintes indagações: Que querem os homens e em que medida os objetivos dos diversos países e grupos são suscetíveis de uma razoável compatibilização? Pecei, 1976, através de seu livro *La Qualità Umana* propõe ao Clube de Roma discutir a condição do homem na sociedade contemporânea e os requisitos para um “novo humanismo internacional”.

Essa ordem de preocupação origina o último informe patrocinado pelo Clube de Roma, denominado *The Human Gap* (Brecha Humana), de Mircea Malitza da Universidade de Bucarest, Mahdi Elmadgra, da Universidade Maomé V, Rabat, e James Botkin, de Harvard. Este informe, submetido à discussão do Clube em Salzburgo, em junho de 1979, trata, segundo Hélio Jaguaribe, do crescente intervalo (brecha humana) entre as transformações introduzidas na natureza e sociedade pela tecnologia contemporânea e o entendimento, pelo próprio homem, do sentido e do alcance dessas transformações.

Hélio Jaguaribe assim sintetiza esse informe: “Malitza e seus colegas sustentam que a preservação do atual *statusquo*, nessa matéria, conduzirá a um outro tipo de catástrofe, de ordem diferente das previstas por Meadows. “Não se trata propriamente da perda de controle da poluição ou da exaustão de recursos não-renováveis, mas principalmente de que o “homem está criando irreversibilidades na natureza e na sociedade, sem se dar conta de que o faz e

sem a prévia avaliação da medida em que tais irreversibilidades sejam aceitáveis. “Para enfrentar essas mutações sócio-naturais, de escala e ritmo crescentes”... “Malitza sustenta que é possível se desenvolver um aprendizado inovativo, de caráter antecipatório e participatório” ... “exercido por todos os homens ...” e somente quando crie mundialmente essa opinião pública antecipatória e participatória será possível submeter aos desígnios da sociedade as mutações sócio-naturais que são crescentes pela tecnologia.

5 — CONCLUSÕES E COMENTÁRIOS FINAIS

Na atual fase do Clube de Roma assumem ênfase as preocupações com o ser humano nas condições dos tempos atuais e sua capacidade de compreender o processo de sua própria história e orientá-lo no sentido do desenvolvimento máximo de suas potencialidades.

Estão superadas as excessivas apreensões com os desequilíbrios físicos do planeta. Não porque não haja limites físicos, como foi demonstrado por Meadows, mas, porque os desequilíbrios sócio-econômicos do mundo passaram a ser considerados ainda mais graves e de mais urgente necessidade de correção do que os desequilíbrios físicos.

A atual fase do Clube de Roma, iniciada com o informe de Tinbergen, levou ao afastamento do Clube personalidades mais conservadoras. Não obstante a imagem externa do Clube, em certos setores, especialmente do Terceiro Mundo, mantém, ainda que indevidamente, as conotações conservadoras oriundas do informe de Meadows.